



ARTIGO

COMPUTEC 2026: APROXIMANDO INDÚSTRIA, ACADEMIA E SOCIEDADE

POR

Flavia Maria Santoro, Flávio Rech Wagner, Crishna Irion
flavia@inteli.edu.br, flavio.wagner@inf.ufrgs.br, crishna.irion@prof.inteli.edu.br

Introdução

Em sua 46ª edição, o Congresso da Sociedade Brasileira de Computação (CSBC) voltou a sediar o Computec: Seminário de Computação e Mercado, um dos seus eventos-base. O Computec trata de desafios e oportunidades da inovação tecnológica, com foco na interação universidade-empresa, na pesquisa aplicada e em programas governamentais, reunindo representantes de diferentes setores em torno de políticas públicas, estratégias de desenvolvimento e visões de mercado. Este artigo apresenta os resultados das

principais discussões realizadas, endereçando propostas e desafios relacionados à aproximação entre universidades, empresas, governo e sociedade.

Café com Inovação

O Café com Inovação foi um novo espaço proposto para integração entre estudantes, pesquisadores, empresas e demais atores do ecossistema de tecnologia, combinando uma sessão de pôsteres selecionados por chamada aberta com uma dinâmica de interação direta e informal entre autores e representantes de empresas convidadas.

Participaram representantes de diversas empresas e organizações convidadas (CWI, DB, Dell, Fundo Amanhã e SAP Labs Latin America). A dinâmica teve dois momentos complementares. No primeiro, as empresas percorreram a sessão de pôsteres, ouvindo os autores e oferecendo um feedback intencional com critérios e direcionado. No segundo, a partir dos interesses identificados nessa rodada, organizaram-se mesas em que cada empresa conversou diretamente com os estudantes cujos trabalhos mais dialogavam com sua atuação. Isso permitiu que o contato inicial, mais aberto, desse lugar a conversas focadas, aumentando a chance de que interações pontuais pudessem evoluir para relacionamentos de fato.

Essa primeira edição do Café com Inovação mostrou que a aproximação entre indústria e academia ganha força quando o formato proposto interessa concretamente às empresas, seja pela via de recrutamento e relacionamento com talentos (RH), seja pela busca de ideias e soluções para desafios de produto. Os benefícios se mostraram mútuos: estudantes e pesquisadores tiveram contato direto com problemas reais de mercado, e as empresas encontraram um canal informal para conhecer trabalhos aplicados e futuros talentos, sem a rigidez dos formatos tradicionais de apresentação de trabalhos em congressos científicos. A pluralidade dos perfis presentes, de fundos de investimento a empresas de software corporativo, mostrou que o interesse da indústria não se limita a um único tipo de interação, variando conforme o estágio e a estratégia de cada organização. A expec-

tativa da coordenação do Computec é que esse resultado sirva de base para que, nas próximas edições, essa atividade evolua para uma “feira de empresas”, ampliando o espaço físico, o número de parceiros envolvidos e o alcance junto aos participantes do congresso.

Painel: Inovação Responsável e Competitividade Tecnológica

O painel discutiu a convergência entre políticas públicas, talento científico, ambientes de inovação e empreendedorismo, explorando como o Brasil pode se posicionar estrategicamente na nova onda tecnológica baseada em Inteligência Artificial e deep techs. Participaram Marcos Cardoso (UFRPE, Fundador da Deep Tech Semine), Nicolas Maillard (UFRGS, Vice-Diretor do Centro de Empreendimentos em Informática), Iara Machado (RNP, Diretora Adjunta de P&D) e Iwens Gerasio Sene Junior (UGC, Coordenador de Projetos no Centro de Excelência em Inteligência Artificial – CEIA), em uma dinâmica organizada em torno de dois eixos, capacidade e responsabilidade, e de perguntas cruzadas sobre onde estaria o principal gargalo do país nessa nova onda tecnológica.

Na síntese, o grupo convergiu para um diagnóstico otimista: o Brasil está pronto para a nova onda de IA e deep techs no que diz respeito à capacidade técnico-científica, reconhecida por todos os participantes como um ativo consolidado. O gargalo estaria menos na produção de conhecimento e mais em sua transferência. As pesquisas precisam sair dos muros da universidade e chegar ao mercado, e o

empreendedorismo científico precisa ser incentivado de forma mais sistemática, com mecanismos de apoio que acompanhem o pesquisador desde a ideia até o produto. A meta seria estabelecer práticas que facilitem pesquisadores a transformarem conhecimento acadêmico em iniciativas com potencial de mercado, seja por meio de spin-offs, licenciamento de patentes, ou soluções em parceria com empresas. Fomentar esse empreendedorismo científico sistematicamente significa oferecer incubadoras e parques tecnológicos vinculados às universidades, editais que financiem a validação entre pesquisa e produto, mentoria empresarial e critérios de avaliação que reconheçam a transferência de tecnologia como resultado tão relevante quanto a publicação científica.

Os participantes trouxeram exemplos concretos desse movimento: as iniciativas de fomento à inovação e à infraestrutura de rede conduzidas pela RNP; o papel de centros de empreendimentos como o da UFRGS na conexão entre pesquisa e mercado; e a experiência de centros de excelência em Inteligência Artificial, como o CEIA, na tradução de conhecimento técnico em impacto aplicado. Esses casos reforçam que, quando há estrutura e incentivo dedicados à transferência de tecnologia, a aproximação entre pesquisa aplicada e mercado deixa de ser exceção para se tornar prática em diferentes regiões e instituições do país.

Mesa Redonda: Trilha da Indústria nos Eventos da SBC

Os eventos da SBC consolidaram-se

como espaço de referência para a produção científica em Computação no país, e trilhas de indústria e inovação já integram a programação de vários deles. No entanto, a participação efetiva do setor produtivo nestes eventos permanece irregular, superficial ou limitada ao patrocínio. Para propor um diagnóstico coletivo desse distanciamento, a mesa redonda reuniu pesquisadores com atuação em Comissões Especiais da SBC e experiência na organização de eventos científicos: Claudia Cappelli (UERJ), Rodrigo Pereira dos Santos (UNIRIO), Marcos Antonio Simplício Junior (USP), Francisco Paulo Magalhães Simões (UFPE) e Paulo Lilles Jorge Drews Jr (FURG), em uma dinâmica que combinou diagnóstico individual, debate cruzado e uma síntese propositiva com ações concretas para os próximos meses.

O debate deixou claro que o obstáculo não é único. Para alguns participantes, o problema está nos formatos das trilhas de indústria, pouco atrativos para quem vive a lógica de mercado; para outros, é mais estrutural, ligado à ausência de canais de relacionamento contínuo entre a SBC e as empresas ao longo do ano, e não apenas durante os eventos. Essa distinção é relevante porque orienta dois tipos de respostas: enquanto a revisão de formatos pode ser implementada pelas comissões organizadoras, a construção de relacionamento contínuo demanda uma decisão institucional da SBC, com investimento sustentado ao longo do tempo.

Outro ponto relevante levantado é que as chamadas de trabalho e os próprios Grandes Desafios da área continuam

sendo definidos quase inteiramente pela comunidade acadêmica, com a indústria convidada a mostrar o que já fez, e não a ajudar a decidir o que ainda vale a pena investigar. Como contraponto, o evento-satélite organizado pela AWS durante essa edição do CSBC inverteu essa lógica, ao exigir que os trabalhos submetidos utilizassem seus serviços como parte central da metodologia, implementação ou avaliação experimental.

Na perspectiva organizacional, o diagnóstico foi que a SBC opera hoje com uma única linha de negócio, a Academia, e tenta atrair o mercado com as mesmas ferramentas e visão de relacionamento usadas para pesquisadores, quando os interesses, os benefícios buscados e os processos de aproximação são completamente diferentes. A indústria precisaria ser tratada como um tipo de “cliente” da SBC, o que exigiria da entidade uma estrutura organizacional dedicada a essa nova linha de negócio, com processos e canais de relacionamento próprios, e não apenas a solicitação pontual de patrocínio ou o convite à participação eventual em palestras ou debates a cada edição.

Entre as ações concretas propostas, destacaram-se a criação de uma estrutura permanente na SBC para gerenciar os contatos dos patrocinadores dos eventos e integrá-los ao longo do tempo, evi-

tando que o relacionamento se encerre a cada edição, e a revisão do formato das atividades voltadas à indústria, como workshops e seminários, que não podem seguir o padrão de apresentação de artigo científico se o objetivo é atrair um gerente de P&D ou um CTO para uma participação ativa, e não apenas protocolar.

Considerações Finais

O Computec 2026 reafirmou seu papel como espaço permanente de diálogo entre a comunidade científica de Computação e o setor produtivo dentro do CSBC. Ao combinar um formato competitivo (Selo de Inovação), um espaço de interação direta (Café com Inovação) e dois debates estruturados sobre competitividade tecnológica e sobre a própria relação da SBC com a indústria, a edição de 2026 tratou não apenas de conteúdo técnico, mas também da governança dessa aproximação: o que falta para que a indústria participe de forma efetiva, e não apenas simbólica, dos eventos científicos brasileiros. As propostas concretas levantadas na mesa redonda e o mapeamento de gargalos discutido no painel indicam caminhos para as próximas edições do Computec e para a atuação das Comissões Especiais e da diretoria da SBC na consolidação de canais permanentes e eficazes de relacionamento com empresas.

Referências

1. CSBC 2026. "COMPUTEC – Seminário de Computação e Mercado." CSBC 2026 – Congresso da Sociedade Brasileira de Computação. Disponível em: <https://csbc.sbc.org.br/2026/computec/>. Acesso em: ago. 2026



FLAVIA MARIA SANTORO é Diretora Acadêmica do Instituto de Tecnologia e Liderança (Inteli). Ela obteve seu DSc em Engenharia de Sistemas e Computação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), assim como Bacharelado em Engenharia Eletrônica pela Escola Politécnica da UFRJ, e Pós-graduação em Filosofia Contemporânea pela PUC-Rio. É Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Sua jornada acadêmica também inclui sabáticos na Université Pierre et Marie Curie - Paris VI, França e na QUT, Austrália. Sua pesquisa tem foco na área de Sistemas de Informação, Gestão de Processos de Negócios, Processos intensivos em Conhecimento, Gestão do Conhecimento, e Aprendizagem Baseada em Projetos. Atualmente, é Diretora de Inovação da SBC.



FLÁVIO RECH WAGNER é Professor Emérito do Instituto de Informática da UFRGS, onde atua desde 1977. Ele obteve seu doutorado em Engenharia da Computação pela Universidade de Kaiserslautern (Alemanha), após graduação em Engenharia Eletrônica e Mestrado em Ciência da Computação pela UFRGS. Foi Diretor do Instituto de Informática da UFRGS entre 2006 e 2011 e Diretor do Parque Científico e Tecnológico da UFRGS entre 2011 e 2016. Atuou por 12 anos na Diretoria da SBC, tendo sido seu Presidente por dois mandatos, entre 1999 e 2003. Foi Conselheiro do CGI.br – Comitê Gestor da Internet no Brasil por três mandatos, entre 2008 e 2017. É o Presidente da

ISOC Brasil, o capítulo brasileiro da Internet Society, desde 2018. Recebeu o Prêmio Newton Faller da SBC em 2004, e a Comenda da Ordem Nacional do Mérito Científico, em 2008.



CRISHNA IRION é Doutora em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Mestra em Ciências da Linguagem pela Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS). Atua no Inteli, onde leciona programação e lidera iniciativas voltadas à equidade de gênero, a maratonas de programação e à formação crítica em Computação..

